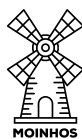


cidademanequim



cidademanequim

andrecunicovolpato





agradeço à Tania Cristine Hadas pelo começo.

agradeço à Julie Fank e ao Cezar Tridapalli pelos meios.

agradeço ao Peter Beten Jørgensen pelo fim.



(tronco)

1.

Ela vai de metrô sentido centro, em pé, a postura rígida, um corpomatéria de carbono, água e nitrogênio movido a memórias e cloridrato de fluoxetina, um coração sístole-diástoleando num tamborim inaudível, encoberto pelo atrito de ferro com ferro; sente a palma da mão esquerda suada em volta da haste de alumínio que flanqueia a porta do chão ao teto, contra a qual, além disso, sua perna direita pressiona a bolsa-saco, pendurada ao ombro por uma longa correia; carrega na mão livre um trejeito no mover dos dedos, o médio e o indicador se alternam a polir a unha do polegar, que por isso (por isso) tem sobre si mais fosco o esmalte vermelho-escuro (matriz CMYK: 24%, 100%, 100%, 18%), leva na boca o mesmo rubro das unhas e um Halls sabor menta e eucalipto extraforte, os ouvidos vão anestesiados por uma coleção de electro-swing, e com os olhos escaneia as paredes do vagão, siderografadas com poemas de ódio e de angústia e de amor. Ela existe onde ocorre um padrão atômico específico, produzido em série nos parques residenciais cosmopolitanos; para nós, que não a conhecemos, chama-se X e é linda de carnosso é linda de carnosso é linda de carnosso

2.

Um espaço de loucos, o metrô é um espaço de loucos. Que não entendam mal, cada passageiro é são em seu próprio mérito, responde a si mesmo e a mais ninguém, mas a X, por exemplo, uma estudante de medicina às vésperas da formatura, estagiária do hospital universitário, uma jovem com tudo para se tornar alguém na vida, não resiste ao escrutínio da senhora que vê nela os lábios de uma moça ligeira, do colega de faculdade que sabe a quantidade de remédios ingerida pela maioria dos estudantes de medicina e vê no tique nervoso dos dedos e no olhar vidrado e no leve movimento do maxilar sinais de que ela não está dando conta, do pré-adolescente sonhador que se apaixonou à primeira vista e já viaja com ela para a lua de mel. E estas são apenas quatro pessoas. Ou melhor, esta é uma pessoa colocada diante de três olhares.

Há ainda os trechos de conversa que se deixam escutar, há a mistura de cheiros e de perfumes, há um milhão de traços físicos de um milhão de etnias diferentes, há as memórias de cada um e a memória coletiva, pulsante nos signos universais que o espaço carrega — a cor dos assentos preferenciais, o plano para uma evacuação de emergência, o barulho menos intenso da desaceleração, típico da proximidade de mais uma parada. Além das tantas outras pessoas e dos tantos outros olhares, um conjunto instável demais para ser compreendido, caótico demais, frenético demais: um espaço de loucos, onde cada um é a sua própria norma, ou um espaço de loucura, onde a norma de cada um traduz todos os outros. Antes faltassem observações a respeito, em vez de faltar o tempo para fazê-las. O metrô chega na plataforma e os passageiros se acotovelam diante das portas, que cedem gentilmente assim que ele para.

Os passageiros — os loucos! — desembarcam.

3.

X avança num clic-clac de alta frequência sobre o chão antiderrapante, muito bem adubado com papéis de bala e flyers de prostitutas, não presta atenção às paredes nem aos anúncios pegados a elas; ela tira do bolso esquerdo da calça jeans o celular, pausa a música e com a mão direita desconecta dos ouvidos um fone de cada vez, passa pela catraca e começa a subir a escadaria da Praça. Mesmo distante, consegue escutar o estrondo do metrô partindo, misturado ao turbilhão da rua e ao crec-crec dos dentes triturando a fina lâmina que era o seu Halls desde duas estações atrás. As cores ganham em brilho, saturação e contraste conforme se aproxima da saída, e com os olhos ela encontra, camuflado no meio de tantos outros, o par de tênis brancos (matriz CMYK: 0%, 0%, 0%, 0%) de Y, que a espera meio de costas meio de lado, num ângulo obtusamente ideal (107° 32' 09") para perceber sua namorada quando estiver a quatro passos de distância, não antes.

Ao versentir sua presença, Y se vira para X com um meio sorriso, trocam um beijo de conforto, formando nele um sorriso inteiro, e seguem de mãos dadas na direção da faculdade.

4.

O clic-clac moderado na direção da faculdade. Pombasbarataspeçoas desviam de outras pombasbarataspeçoas. A X inspiraexpira fundo. A brisa quente de fumaça espana resíduos e partículas de um lado para o outro. As mãos dadas. A X inspiraexpira fundo e contém um ataque de tosse. Mão direita com mão esquerda. Um ataque de tosse contido, uma tosse de continência atacada, um continente de ataque tossido: a X inspiraexpira raso, a traqueia sufocada por uma nuvem de palavras não ditas.

Quer um?

Y nega com um gesto: gesto.

Como tá o estágio?

No HU?

[].

Normal.

X olha para o lado esquerdo. O semáforo brilha em vermelho para os motoristas. A fila de carros estaca, a fila de carrostaca, os carros de estaca filam, a estaca de filas carra. X e Y atravessam a rua pela faixa de pedestres. Um malabarista entretém os motoristas por uns trocados, os motoristas entretêm um malabarista por uns trocados, uns trocados entretêm, um malabarista troca, os motoristas malabarizam, o entreter motorista. E vice-versa. X e Y atravessam a rua pela faixa de pedestres.

Eu fiz uma parada voltar.

Fez?

É óóóbvio que não: as manobras de reversão da parada cardíaca são, como diria o poeta, apenas um protocolo. Nenhum médico — e estudantes de medicina muito menos — se diz ou se sente ou se presume protagonista do protocolo, seja ele bem ou malsucedido. Fez uma parada voltar, por favor! Onde é que essa tal de X arranja o ego? Se a parada não tivesse voltado, ela ia ter culpa? Então.

O preceptor tinha saído pra comprar cigarro.

[].

Eu fiquei sozinha com o A_1 e o A_2 .

Que fita.

Foi [

Foi importante? Foi significativo? Foi revelador? Foi emocionante? Foi eletrizante? Foi uma experiência religiosa? Foi um evento-âncora da vida? Foi uma daquelas coisas que fazem viciados largarem seus vícios? Foi uma daquelas outras coisas que fazem a gente pensar nem que seja por um instante que agora sim é que a gente entende o universo e que fazem a gente se sentir em harmonia cósmica?

] estranho.

Debaixo da marquise de um prédio mais ou menos histórico, um morador de rua com um vira-latas atravessado no colo resmunga em lá suspenso, pedindo esmola.

Estranho?

Como talvez também dissesse o poeta, há uma ligação axiomática entre ser médico e salvar vidas, e outra entre salvar vidas e fazer — fazer — uma parada voltar. Lá estava o paciente, velho e diabético e hipotenso e bradicárdico, e aí a X só olhou para o lado e BUM ele evoluiu para um estado de parada cardíaca e então de repente PÁ um procedimento de reanimação cardiopulmonar e o coração dele PIMBA voltou a sistole-diástole. Então ainda estava lá o paciente, velho e diabético e com o esterno quebrado mas pelo menos com o coração sistole-diástoleando, e a filha do paciente do lado, agradecendo à X por — santa ignorância! — tê-lo trazido de volta à vida. Vê se pode. Isso o poeta provavelmente não diria, mas qualquer médico sabe: para um coração, estar parado não significa estar morto, voltar a bater não significa voltar a viver.

Bem estranho.

5.

Alguém ajuda o meu pai! Alguém ajuda o meu pai!

Um grito com tamanha carga dramática não acontece no mundo sem deixar marcas. Uma mulher está no carro com o pai, ela dirige, os dois conversam, ela o está levando para comprar calças novas, abriu mão da hora de almoço para fazer isso, é uma mulher atenta às necessidades do pai já idoso, é alguém na vida e sabe que deve isso a ele, se tiverem tempo, podem aproveitar para passar no banco ou na farmácia, ela pergunta aonde mais ele quer ir, ele não responde, ela olha para o lado, sente medo, o pai está passando mal, visivelmente passando mal, ela pergunta se está tudo bem, ele não responde. A mulher sente medo. Ela acelera com vontade, costura as filas de trânsito, ignora a sinalização, nem escuta os protestos dos outros motoristas, nada importa além da vida do seu pai, ela para em frente ao hospital e puxa o freio de mão e desce do carro e corre para o lado do passageiro e abre a porta e grita

Alguém ajuda o meu pai! Alguém ajuda o meu pai!

Nela, o grito produz alívio — chegou no hospital a tempo — e aciona um estado de apreensão: não há mais nada que ela possa fazer, é preciso esperar a resposta dos profissionais disponíveis, assistir ao desenrolar da cena e rezar por um final feliz, porque sem um final feliz este é o tipo de grito que abre na memória uma ferida difícil de cicatrizar, não só na mulher, mas também nos três acadêmicos de prontidão, os três acadêmicos que escutaram o pedido de socorro e ligaram, imediatamente, um estado de ação, três autômatos com o livro de regras fresco no lobo temporal medial: protocolo de conduta na unidade de pronto atendimento clínico, quarta sessão, parágrafo décimo oitavo: no caso

de, durante a muito irresponsável ausência do preceptor, uma mulher chegar com o pai em estado de choque e gritar

Alguém ajuda o meu pai! Alguém ajuda o meu pai!

6.

(1) O paciente surge caído jogado na cama-maca diante dos acadêmicos (2) a X olha para o lado e xinga o preceptor (3) o A₁ fala o paciente parou (4) o A₂ repete o paciente parou (5) os dois olham para X a acadêmica mais experiente (6) ela pensa dois minutos de compressões e (7) ela fala dois minutos de compressões e depois o desfibrilador (8) ela pensa é um velhinho mas o dever ético de dar início ao procedimento de reanimação em qualquer perguntar para a filha sobre doenças cujo curso natural é o dever ético de compressões e depois perguntar para a filha sobre um velhinho de dar início ao dever em qualquer paciente para uma doença cujo curso natural é o procedimento ético mas (9) ela conecta os eletrodos ao paciente (10) o A₂ assume a posição (11) o A₂ pergunta como é mesmo (12) o A₁ responde três vezes trinta por dois em um minuto e aí troca pra mim, mais um minuto e aí é o choque (13) uma enfermeira segura o dispositivo bolsa-válvula-máscara na boca do paciente (14) o monitor indica fibrilação ventricular sem pulso (15) a X supervisiona o paciente e o monitor e os acadêmicos e a enfermeira (16) o A₂ começa um dois três quatro cinco seis sete oito nove dez onze doze treze catorze quinze dezesseis dezessete dezoito dezenove vinte vinteum vintedois vintetrês vintequatro vintecinco vinteseis vinteseite vinteoito vintenove trinta (17) a enfermeira preenche os pulmões do paciente com oxigênio, duas vezes (18) a X passa o gel nas duas pás (19) o A₂ continua um dois três quatro cinco seis sete oito nove dez onze doze treze catorze quinze dezesseis dezessete dezoito dezenove vinte

vinteum vintedois vintetrês vintequatro vintecinco vinteseis vintesete vinteoito vintenove trinta (20) a X pensa talvez eu devesse ter tentado um choque antes de perguntar para a filha sobre o dever ético de (21) a enfermeira preenche os pulmões do paciente com oxigênio, duas vezes (22) o A_2 continua um dois três quatro cinco seis sete oito nove dez onze doze treze catorze quinze dezesseis dezessete dezoito dezenove vinte vinteum vintedois vintetrês vintequatro vintecinco vinteseis vintesete vinteoito vintenove trinta (23) a enfermeira preenche os pulmões do paciente com oxigênio, duas vezes (24) o A_2 troca de posição com o A_1 (25) a X pensa dois minutos de compressões e (26) o A_1 começa um dois três quatro cinco seis sete oito nove dez onze doze treze catorze quinze dezesseis dezessete dezoito dezenove vinte vinteum vintedois (27) o barulho CRAC do externo se quebrando o trabalho agora facilitado (28) o A_1 continua vintetrês vintequatro vintecinco vinteseis vintesete vinteoito vintenove trinta (29) a enfermeira preenche os pulmões do paciente com oxigênio, duas vezes (30) o A_1 continua um dois três quatro cinco seis sete oito nove dez onze doze treze catorze quinze dezesseis dezessete dezoito dezenove vinte vinteum vintedois vintetrês vintequatro vintecinco vinteseis vintesete vinteoito vintenove trinta (31) a enfermeira preenche os pulmões do paciente com oxigênio, duas vezes (32) o A_1 continua um dois três quatro cinco seis sete oito nove dez onze doze treze catorze quinze dezesseis dezessete dezoito dezenove vinte vinteum vintedois vintetrês vintequatro vintecinco vinteseis vintesete vinteoito vintenove trinta (33) a enfermeira preenche os pulmões do paciente com oxigênio, duas vezes (34) a X encosta as pás no tórax do paciente (35) o barulho ZUM do choque (36) o monitor responde.

(37) A enfermeira pensa deu tudo certo.

(38) A X, o A_1 e o A_2 pensam fizemos tudo certo.

7.

Protocolo de conduta na Unidade de Pronto Atendimento Clínico, quarta sessão, parágrafo décimo oitavo — DAS MANOBRAS DE SUPORTE BÁSICO E AVANÇADO DE VIDA: após a detecção da parada cardiorrespiratória, o profissional da saúde deverá dar início imediato às manobras de suporte de vida: ressuscitação cardiopulmonar (RCP), acesso venoso, administração de drogas, desfibrilação. As paradas cardiorrespiratórias podem se apresentar em quatro formas: fibrilação ventricular, taquicardia ventricular, atividade elétrica sem pulso, assistolia. Para as duas últimas a recomendação é proceder com a RCP, dando ênfase às compressões torácicas de alta qualidade, e com as manobras de suporte avançado. A cada 30 compressões torácicas, o profissional da saúde deve ventilar a vítima 2 vezes; cada ventilação deve durar 1 segundo; depois de 2 minutos (5 ciclos) de 30 compressões por 2 ventilações, o pulso da vítima é checado. No caso de manutenção da AESP ou da assistolia, o procedimento deve ser repetido (por causa da exigência física de realizar a massagem cardíaca, recomenda-se, neste momento, a troca do profissional). Para fibrilação ventricular e taquicardia ventricular, a recomendação é de choque imediato, seguido de, caso não reverta a situação, RCP e manobras avançadas. A sequência de atendimento para FV e TV é: choque, 2 minutos de RCP, choque. Nos casos em que a vítima não recebe o suporte básico durante os primeiros 4 minutos de parada cardiorrespiratória, o profissional pode optar por alterar a sequência padrão de atendimento, iniciando com 2 minutos de RCP para então proceder à desfibrilação.

8.

A mulher abraça a X. Ela cheira a protetor solar fator sessenta. Muitíssimo obrigada, doutora, muito muito obrigada. A mulher solta a X. Ela cheira a protetor solar fator sessenta. A X reprime uma súbita ânsia de vômito, uma súbita

ânsia de vômito reprime a X, a repressão anseia uma X de vômito súbito, a ânsia reprimida vomita uma súbita X. E doutores, muitíssimo obrigado, doutores, vocês trouxeram o meu paizinho P de volta à vida. A X tenta sorrir. O A₁ e o A₂ também. Vocês salvaram salvaram salvaram [

Nós estávamos bem aqui, senhora, sabemos o que aconteceu.

] a vida do meu paizinho P. A voz da mulher é uma voz de mulher. O A₁ e o A₂ tentam não rir. A enfermeira já voltou ao trabalho. A cama do paciente P precisa ser levada dali. Por enquanto, o A₁ e o A₂ não riem. A X tenta sorrir. Muito obrigada, doutora, muito doutora obrigada, obrigada muito doutora, doutora muitobrigada.

Salvar uma vida deve ser a melhor sensação do mundo.

O A₁ começa a tossir. A mulher o acode com tapinhas nas costas. Ela cheira a protetor solar fator sessenta. A cama do paciente P precisa ser levada dali. O A₁ para de tossir.

Pronto: isto é quase como salvar uma vida.

Mas não é brincadeira: este momento não é brincadeira, ele é importante e significativo e revelador e emocionante e eletrizante: uma experiência religiosa: um evento-âncora da vida, e a mulher precisa que o A₁ e a X e o A₂ saibam: o que ela diz também não é brincadeira, é gratidão da mais genuína, o paciente P estaria morto se não fossem a X e o A₂ e o A₁, a mulher entende isso e precisa transmitir a gratidão que está sentindo neste momento tão especial.

Muitobrigada, doutores.

A enfermeira já voltou ao trabalho. A X consegue sorrir. A mulher cheira a protetor solar fator sessenta. O coração do paciente segue sístole-diástoleando. A mulher está feliz

com o final feliz. O sorriso da X se desfaz aos poucos. Ela não percebe. A mulher sente o grito cicatrizando, o sentimento grita a cicatriz mulherando, o grito cicatriza a mulher sentindo, a cicatriz sente a mulher gritando. O A_1 e o A_2 levam a cama do paciente dali.

Salvar uma vida deve ser a melhor sensação do mundo.

Deve mesmo.

9.

De nada, denada, galera, o show é de graça, é pra isso que estão aqui o A_1 e o A_2 , salvar vidas é só o trabalho deles, coisa de rotina, o paciente P não foi o primeiro e está longe de ser o último: quem achar que consegue morrer na frente deles, pode vir, mas se vier, já aproveita e vem armado, pronto pra atirar na própria têmpera. Aqui o ferveo *never ends*, só vai quem não tem frescura. Abram alas, manas e minas, cachorras e senhoritas, A_1 e A_2 estão passando com a cama do paciente P, pressão sistólica normal e sessenta batimentos cardíacos por minuto, *gângster style*, tudo extremamente fodástico, eles sabem, mas não tem essa de implorar de tirar as roupas de jogar as calcinhas de pedir autógrafa nos peitos, o turno deles ainda não acabou: outras vidas esperam em todos os cantos deste hospital. Também não há motivo pra desespero, uma quantidade assim de feromônios eles farejam a distância, a que quiser tentar a sorte, mande uma mensagem, marque uma hora particular com qual deles preferir e com o respectivo antebraço, leia-se, o respectivo fêmur, leia-se, já deu pra entender. Mas lembrem-se: aqui o ferveo *never ends*; só vai quem não tem frescura; o show é de graça; denada, galera. Como está o paciente P? Estável: extremamente fodástico.

10.

Teu corpo deitado, teu corpo feito de muitas partes, as partes do teu corpo sentindo dor. As partes do teu corpo vivas, as partes vivas do teu corpo, todas as partes do teu corpo: vivas. Sentindo dor. E você. É você. Você é: o teu corpo deitado, o teu corpo feito de muitas partes, as partes do teu corpo sentindo dor. A dor sentindo as partes do teu corpo, o teu corpo doendo o sentimento das partes, o sentimento partindo o teu corpo de dor: é você. E você. Vivo. Você é sentindo dor você é as partes vivas do teu corpo você é todas as partes do teu corpo: vivas. Sentindo dor enquanto vivas, vivas enquanto sentindo dor, enquanto doído sentindo vida, sentimento vivo enquanto doendo. E você. É você. Se você. Fosse tivesse sido pudesse ter sido. Você é o teu corpo deitado, deitar é você encorpado, o corpo é deitar teu você. Vivo. As partes do teu corpo: vivas. E você: vivo. É você: vivo. Se você: vivo. Fosse tivesse sido pudesse ter sido. Se você pudesse gritar, teu corpo deixa escorrer lágrimas que não são de dor.

11.

O metrô é um espaço de loucos, de loucura, e o hospital é o seu inverso: um espaço de normas. De todos os olhares possíveis na vasta malha de vagões e plataformas e estações, prevalecem nos corredores e quartos e salas de exame apenas dois, uma redução que se deve não tanto às características dos espaços, mas do tempo que os rege. Presente e passado, tão instáveis na concretude de já existir e já ter existido, são incapazes de normatizar, convidam à multiplicidade caótica, e é nestes tempos que vive o metrô: quem são os passageiros, o que os trouxe até ali, o que fazem todos os dias, como se diferenciam entre si. São as nuances das respostas de cada pergunta que ampliam o espectro de olhares. Já o futuro, este sim é etéreo o bastante para sustentar normas rígidas, e dentro do hospital

ele permite apenas uma pergunta, da qual derivam os dois olhares possíveis. O dos que vão sair do hospital, o dos que não: um espaço de normas. E, no entanto, as coisas são o que são, tanto no hospital quanto no metrô.

12.

O clic-clac de um lado para o outro nos corredores e nos quartos e nas salas de exame e a X, linda de carnosso, atravessa a rotina como o metrô atravessa a cidade, faz paradas pelo caminho mas não perde o ímpeto de chegar ao destino mas quando chega ao destino faz meia volta mas não perde o ímpeto de chegar ao destino mas faz paradas pelo caminho, ela vai de um paciente a outro, preenche formulários, coleta sangue, pede exames, atravessa a rotina como o metrô atravessa a cidade, programada para fazer as paradas que está programada para fazer, na hora em que está programada para fazê-las, conversa com pacientes e médicos e médicas e visitantes e enfermeiros e enfermeiras, atravessa a rotina como o metrô atravessa a cidade, por dentro de um túnel escuro conectado à superfície pela presença e pelo toque e pela voz dos passageiros, os frequentes e os nem tanto, e a X, ainda assim, por causa disso, linda de carnosso, um corpomatéria de carbono, água e nitrogênio movido a memórias e cloridrato de fluoxetina, um coração sistolediástoleando num tamborim inaudível, encoberto pelo clic-clac de um lado para o outro.

13.

O preceptor entra no hospital. Os acadêmicos fingem não perceber, o hospital — menos duas enfermeiras — não percebe de fato. Elas sim, elas percebem. O preceptor tem um maço de cigarros no bolso. O A_1 , o A_2 e a X seguem com o trabalho. O preceptor troca algumas palavras com

as enfermeiras que percebem. Ele tem um maço — menos um cigarro — no bolso, tem os ouvidos embotados pelas palavras das enfermeiras, tem o cheiro do hospital já entranhado na pele, tem mais alguns anos antes de se aposentar. O A_1 , o A_2 e a X seguem com o trabalho, o trabalho segue com o A_1 , o A_2 e a X. O preceptor se aproxima dela. As enfermeiras percebem.

Como está o paciente P?

Vivo.

Se não, o preceptor estaria fodido do rabo até a garganta: suspenso com certeza, demitido provavelmente, talvez até cassado. Bye-bye vida mansa e aposentadoria, alô desemprego e alcoolismo. Bela troca ele escapou de fazer por causa de um cigarro.

E você?

Eu também.

O preceptor fica aliviado pelo que aconteceu, fica com medo pelo que poderia ter acontecido, fica sem palavras com o desrespeito da X. Ele tem um maço menos um cigarro no bolso. O A_1 e o A_2 seguem com o trabalho, o trabalho segue com o A_1 e o A_2 , a X se afasta do preceptor e segue com o trabalho, ela se afasta do preceptor e o trabalho segue com ela. O preceptor finge não perceber, o hospital — menos duas enfermeiras — não percebe de fato. Ele sai para fumar mais um cigarro. As enfermeiras percebem.

14.

E que tal a pokerface dela mandando a real pro doutor? Ela usa tanto essa pokerface que nem sei mais diferenciar: mandando a real ou ouvindo bronca ou conversando com

os outros acadêmicos. Se fosse diferente em cada situação, não ia ser pokerface, né, menina. É. Pois então. O quê? Que tal a dela mandando a real pro doutor? Ela usa tanto. Mas não é de ficar preocupada, essa gente mais novinha precisa de fazer assim até se acostumar, se não iam andar por aí com cara de medo e de nojo e de riso o tempo todo. Sei não. Pois eu sei. Dá bom dia de pokerface, conversa de pokerface, vê uma parada voltar de pokerface, manda a real pro doutor de pokerface. Já falei que não é de ficar preocupada. E o velhinho que ela viu voltar também não ajuda. Mas de onde essa cisma agora? Vou dizer de onde, essa coisa daqui a pouco se espalha feito colônia de fungo, vira pokervoice, depois pokerlinguagemcorporal, até chegar no pokersistemalímbico. Sei não. Pois eu sei. Mesmo se for: é da tua conta? E que mal ela te fez pra gerar esse descaso? Fez mal nenhum, mas também não fez bem. Não custa nada ajudar. Ajudar? Ajudar.

15.

X está com Y ao telefone. Ela sai do hospital na hora do almoço, mas não tira o jaleco, vê passarem as pombasbarataspeessoas, escuta mais do que fala e precisa pedir que Y repita. X está com Y ao telefone. Homens e mulheres ficam na frente do hospital como numa estação de metrô nos horários de pouco movimento, a alguns passos umas das outras, usando os celulares e procurando saber as horas e olhando para os lados e evitando olhar umas para as outras, mas nem sempre resistindo. X está com Y ao telefone. Ela fala te amo e desliga, desliga ela e fala te amo, ela ama e te fala desliga, te desliga e fala amo ela, fala desliga-te e ela ama, falar te amo desliga ela. Uma mulher — uma metamulher — se encosta na parede ao lado de X, a menos do que alguns passos. O dia está bonito.

Você tem um isqueiro?

Não.

É meio idiota, né, pedir um isqueiro para uma funcionária da saúde, é, meio idiota, aliás, a metamulher deduziu por causa do jaleco, mas a X é médica? Sim, quer dizer, ela é estagiária, está às vésperas de terminar a faculdade de medicina: escuta electro-swing, pega o metrô e é estagiária aqui no hospital. E ela gosta? Sim, a X é muito boa no que faz. Hoje, ela fez uma parada voltar.

Você [

Vem sempre aqui? Essa sim é uma pergunta idiota. Sempre e nunca são palavras permanentes demais para descreverem o mundo, não resistem à passagem do tempo, caem logo em contradições, e a metamulher tem jeito de quem talvez já devesse ter aprendido isso empiricamente. Pois esteja dito: você vem sempre aqui é uma pergunta idiota.

] parece meio familiar.

É o jaleco: todo mundo fica parecido de jaleco.

A sirene de uma ambulância se faz escutar, atrai os olhares dos homens e mulheres na frente do hospital como o barulho do metrô chegando na estação.

Eu preciso voltar ao trabalho.

Um aceno com a cabeça em dois movimentos: o primeiro, ascendente, acompanhado de um sorrisoesboço, e o segundo, descendente, que tenta passar o primeiro a limpo. A X entra no hospital, as pupilas se ajustam à claridade, ela inspiraexpira fundo, de volta ao clic-clac de um lado para o outro nos corredores e quartos e salas de exame, inspiraexpirando fundo, sempre — sempre — linda de

carneosso. E do lado de fora as pombas baratas pessoas de passagem, os homens e mulheres como se esperassem o metrô, a metamulher com um isqueiro emprestado na mão, acendendo o cigarro.

16.

Hora de salvar salvar salvar mais uma vida? O A_1 e o A_2 estão mais que prontos, a X: nem tanto. Mas pronta ou não, aqui vão eles todos pacientes Ps uma gatinha que — às vezes compaixão e empatia ficam fora de alcance — nasceu pra fazer bosta, e PLAFT uma reação alérgica severa a amendoim por que você comeu amendoim se já sabia que era alérgico e TCHUM uma provável overdose provavelmente acidental de sabe-se lá o quê agora você está aí catatônica e sem nome e sem documentos e sem acompanhantes mas a *rave* foi provável e figurativamente inesquecível e CATAPLAU o tornozelo fraturado e um par de megacacos de vidro enterrados nas mãos será que era mesmo necessário pular o muro do terreno baldio pra atçar o pobre coitado que estava ali dentro justamente pra evitar ser atçado e TUSCH a X faz o trabalho sem reclamar.

Mas segundo a norma do hospital, esses pacientes não preocupam: o A_2 e a X e o A_1 olham para eles e sabem que vão sair porta afora, no máximo, até a próxima semana; e do paciente P, sabem que não sairá: ele tampouco preocupa. Então por que os acadêmicos têm atitudes tão diferentes? O A_1 e o A_2 e a X veem o corpo do paciente P, que é apenas o corpo do paciente P, veem que ele continua estável, e isto não significa nada além de que os protocolos de atendimento estão sendo bem executados. No hospital, as coisas são o que são: o A_1 trabalha alegremente, o A_2 trabalha metodicamente, a X trabalha: as coisas são o que são, mas. Depois de serem, as coisas eventualmente

se livram da norma, entram noutra espaço de loucura, o inverso do inverso: a memória de cada um. X rumina os eventos desta manhã, reluta e parece querer cuspi-los; já o A_2 tem a confiança nos protocolos renovada; e o A_1 pensa que o paciente P está longe de ser o último, e se lembra dos primeiros: do primeiro. O A_1 se lembra bem do primeiro:

17.

Caralho. Caralho (2). Quê que aconteceu com esse cara? Deve ter se jogado da janela. Não, os socorristas disseram que esse aí é um daqueles missionários, acho que essa galera não pode cometer suicídio. Então deve ter sido espancado. Foi. Teve um caso parecido na semana passada, mas o paciente já chegou aqui morto. Qual é a pira de espancar missionários? Sei lá, mas acontece de vez em quando. Você quer dizer que tem uma gangue de neandertais por aí que se especializa em espancar missionários? Uma gangue, ou uma pessoa só. Queria ver o Freud analisando isso. Hahaha. Kkk. Esse aqui é um daqueles Santos dos Últimos Dias? Nem ideia. Por quê? O Dr. O não contou pra vocês? Quem? Um obstetra, baixinho assim, de óculos. Uhm. Teve que ensinar um casal desses a trepar. []. Eles não sabiam, chegaram na consulta dizendo sei lá o quê, porque a gente casou há dois anos e não consegue ter filhos e será que ele não podia ajudar. []. Aí o O foi perguntando de frequência, métodos contraceptivos que ela já tinha usado e essas coisas, eles disseram que a média era três vezes por semana e que o método contraceptivo antes do casamento era nunca trepar, e que depois do casamento não teve nenhum. []. Mais sucção aqui. []. Ele deixou quieto e pediu para examinar a mulher, aí viu que ela ainda era virgem e se tocou. Kkkk. Hahahaha. E aí? Aí o O explicou que, baseado no exame, eles nunca tinham

trepado, e convenceu os dois a fazerem uma demonstração. [!]. A mulher ficou deitada assim, sem se mexer, ela estava de vestido ainda e nem tirou a calcinha, só ficou ali. []. Aí o cara se ajoelhou no meio das pernas dela, tirou o pau pra fora e ficou batendo aquele pau mole na região pélvica da mulher. [!!]. Até que daqui a pouco ele ficou duro, aí ela levantou bem o vestido e o cara gozou na barriga dela, meio que tentando mirar no umbigo. Hahahaha. Kkkkkk. Hahahaha. Bosta. [!!!]. Pressão arterial caindo. Taquicardia. Pega as pás, duzentos joules; e você, filma mais de perto aqui. [uma, duas, três vezes]. O show é de graça, galera do fervero *never ends*, é assim que eu comando o Centro Cirúrgico dessa porra #carpediem #fervoneverends.

O A_1 tem o vídeo salvo até hoje.

18.

O A_1 tem o vídeo salvo até hoje. Ele trabalha alegremente. A X trabalha. O preceptor está à vista. O A_2 trabalha metodicamente. As coisas são o que são, os seres são o que coisificam, o que são coisificam os seres. O A_1 tem o vídeo salvo até hoje.

Ei, X, quer ver uma coisa?

O quê?

Uma coisa.

Ah! Uma coisa, é claro que ela quer ver uma coisa, quem não ia querer ver uma coisa sem saber o que a coisa é, principalmente quando a coisa é uma coisa que ninguém ia querer ver se soubesse o que é antes de ver? O A_2 sabe o quê.

É um vídeo bem louco.

Do quê?

Quer ver ou não?

Um vídeo bem louco, ótimo, quase nada entra de fato nessa categoria. Um humanoide selvagem e um ornitorrinco cego jogando baralho na terceira lua de Saturno, todos os objetos da superfície da Terra sendo simultânea e rapidamente sugados para o núcleo, setenta quilos de carne moída em cima da mesa de cirurgia em torno da qual cinco pessoas mascaradas discutem a esterilidade misteriosa de uma mulher mórmon. Poucas coisas além dessas.

Quer ver ou não?

É aquele vídeo da cirurgia do missionário mórmon?

Como você sabe?

Todo mundo sabe.

A X não quer ver o vídeo. Ela quer trabalhar. Ela quer ir para casa. Ela quer saber como está o paciente P. Ela quer ser deixada em paz por A_1 e A_2 . Ela quer um preceptor mais responsável. Ela quer passar algumas horas numa câmara de gravidade zero. Ela quer jogar baralho com um ornitorrinco cego na terceira lua de Saturno. Ela quer correr descalça por uma estrada de carvão em brasa. Ela quer trocar de lugar com o irmãozinho de catorze meses. Ela quer passar por uma experiência cheia de significado em relação à vida e à morte. Ela quer ir ver como está o paciente P. Ela vai.

Qual é o problema dela?